

Crime pode ter sido premeditado

► *Polícia trabalha com hipótese de jovens terem comprado álcool em posto com intenção de matar*

BRASÍLIA - A polícia já trabalha com a hipótese de que o crime praticado pelos cinco rapazes na madrugada de domingo, quando atearam fogo no índio pataxó hã-hã-hãe Galdino Jesus dos Santos, pode ter sido premeditado. Ontem, o delegado Walmir Alves de Carvalho, titular da 1.ª Delegacia de Polícia, responsável pelo caso, disse que está tentando localizar o frentista de um posto de gasolina onde os jovens teriam comprado dois litros de álcool combustível, pouco antes de seguirem para a avenida W-3 Sul, onde atacaram o índio. "Isso agrava a situação deles, pois caracteriza que o crime teria sido premeditado", explicou o delegado.

O delegado Walmir Alves de Carvalho anunciou que o inquérito estará concluído na próxima sexta-feira, quando remeterá o processo à Corregedoria de Polícia. A Corregedoria, por sua vez, entregará o processo à Justiça do Distrito Federal, que o distribuirá para o Tribunal de Júri. O delegado informou que os cinco envolvidos no caso - Antônio Novêly de Vilanova, Eron Chaves Oliveira, Thomaz Oliveira Almeida e seu irmão, o menor G.N.A.J., além de Max Rogério Alves -, serão denunciados à Justiça.

Walmir Carvalho já trabalha com a possibilidade de os acusados obterem *habeas corpus*. Segundo ele, já chegaram informações de que os advogados que trabalham no caso estariam preparando um pedido. O delegado não

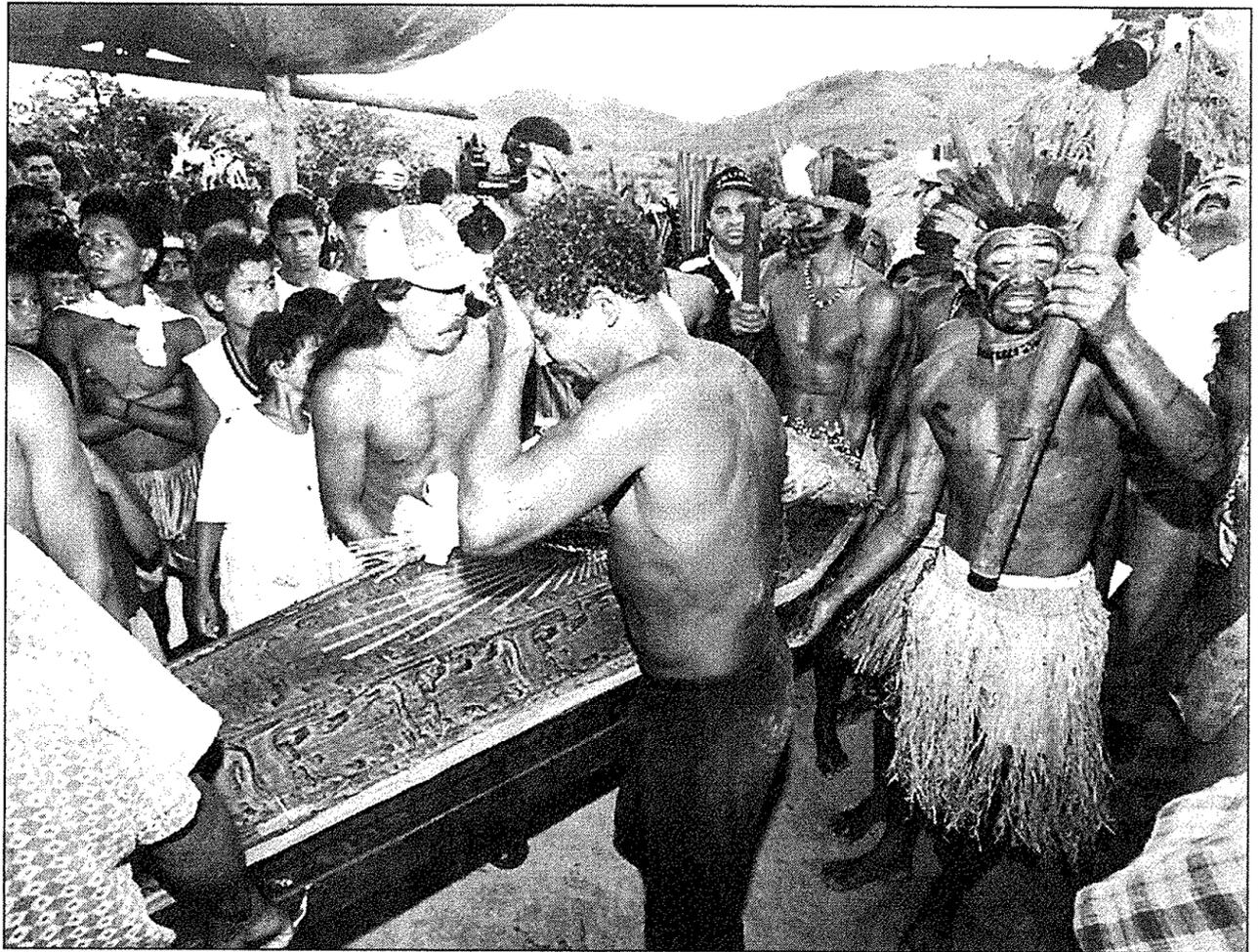
acredita, entanto, que algum juiz conceda esse tipo de liminar, já que ficaria contra toda a sociedade. O delegado não quis adiantar com base em qual dispositivo legal os advogados dos acusados poderiam conseguir a liberdade provisória dos cinco.

Algumas pessoas ainda serão ouvidas antes de o processo ser concluído. O delegado informou que, além do frentista, será ouvida a dona de pensão Vera Moreti, que poderia ter se negado a abrir a porta para o índio Pataxó entrar.

Exames

Os acusados não foram submetidos a exame toxicológico, conforme explicou o delegado Waldir, porque nenhum deles aparentava estar alterado. "Eles não aparentavam estar nem alcoolizados nem drogados", disse o delegado. Segundo ele, só se faz pedido de exame de tóxico quando há algum indicio e todos estavam absolutamente normais.

As delegacias de polícia de Brasília estão pesquisando se há outros casos de pessoas queimadas no meio da rua, para que se possa relacionar o caso do índio Pataxó com outros. Recentemente, conforme lembram os policiais, dois mendigos foram mortos a pauladas e um outro morreu queimado no Núcleo Bandeirante. Isso não quer dizer, porém, conforme esclarecem os policiais, que tenha sido coisa de gangues ou de adolescentes.



OS ÍNDIOS da aldeia Pataxó alternam lágrimas e pedidos de justiça durante o ritual de enterro de Galdino Jesus dos Santos

Galdino tinha muita influência na aldeia

PAU BRASIL - Na aldeia de 1.079 hectares, os 1.723 índios guardam as melhores lembranças de Galdino. Era considerado um dos mais ativos conselheiros. Mantinha contatos políticos e era responsável pelo planejamento anual da colheita. Para seu próprio sustento e da família ele plantava mandioca, milho, feijão e batata. Vendia o excedente em Pau Brasil, para adquirir os produtos não disponíveis na aldeia, como açúcar e farinhas.

Antes de uma nova dança de protesto, os índios, católicos, assistiram a uma missa, celebrada pelo bispo de Ilhéus, dom Mauro Mon-

tagnoli. Durante a dança, os índios cantam e oram em torno de um círculo, dentro do qual ficam o caixão e todas as armas da aldeia, entre flexas e bordunas. Representantes do MST participaram do velório.

A mãe e o pai de Galdino acompanharam a missa de longe, onde também ocorriam protestos pelo assassinato de Galdino. "Do jeito que eles fizeram com meu irmão, se eles viessem aqui nós faríamos com eles a mesma coisa", bradava Marilene, irmã de Galdino. "Dizem que nós índios somos selvagens, mas selvagens são eles", acrescentou, chorando muito, Ipê Pataxó.

Dor e revolta no enterro na Bahia

PAU BRASIL - Revolta e tristeza dominaram os índios pataxó hã-hã-hãe, ao receberem ontem o corpo de Galdino Jesus dos Santos, 44 anos. Com roupas de palha e o corpo pintado para a guerra, um grupo protestava dançando ainda na estrada que no Sul da Bahia liga Camacã a Pau Brasil. As 14h30min, o cortejo chegou à aldeia Caramuru Catarina Paraguassu, e foi recebido com lágrimas e pedidos de justiça.

O corpo de Galdino chegou em um Búfalo da Força Aérea Brasileira às 11h45min no Aeroporto de Ilhéus, a 157 km da aldeia. Duas representantes da Polícia Rodoviária Federal, responsável pelo cor-

tejo, entregaram flores ao pai de Galdino, Juvenal Rodrigues Pataxó, de 64 anos. Muito abatido, Juvenal não escondia a emoção. "É muito triste, mas vamos continuar lutando", adiantou. "Morre um, vem outro". Os pataxó acreditam que a alma de Galdino resistirá à morte, e será incorporada à de outros líderes, para que tenham força na luta pela demarcação de terras.

Sofrimento

Ao despontar nas proximidades da aldeia, os quatro carros da Polícia Rodoviária Federal foram recebidos por um grande grupo de índios, vestidos para a guerra, mas

com uma expressão de tristeza. "Que sofrimento, meu Deus. Por que fazem isso comigo?", gritava Sebastiana, que, nervosa, não agüentou esperar e correu para o caixão do primo. O caixão foi levado para uma parte coberta da aldeia. Os pais de Galdino tiveram um encontro emocionado. Juvenal e Minervina Maria de Jesus nada falaram. Apenas choraram juntos, abraçados, por mais de 10 minutos. Aos 58 anos, Minervina sofre do coração e já viu 11 de seus 20 filhos morrerem. Seis enquanto bebês, outros três ainda na infância, além de João Cravim, de 29 anos, assassinado numa emboscada por fazendeiros, em 1988, e, esta semana, teve que enfrentar a

perda de Galdino.

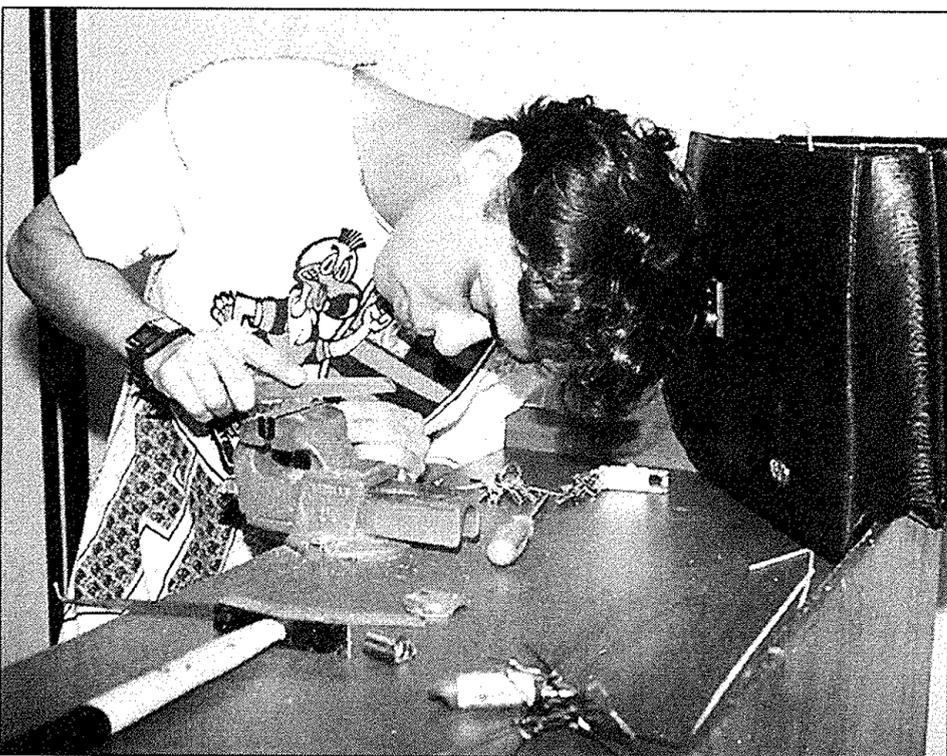
Também abraçadas, permaneceram a esposa de Galdino, Genilda Rosa Campos, e suas três filhas do casamento anterior, Cleide, Luciene e Maria Aparecida. Havia apenas um ano e meio que Genilda passou a viver com Galdino. "Não sei o que fazer. Ele era um homem tão bom", disse ela, explicando que não acreditou que o marido tinha sido queimado vivo, como insistia em informar uma rádio no domingo. "Eu não acredito; pensei que não era verdade, nem mesmo quando a televisão mostrou", disse ela, chorando. "Só quando vi a notícia no jornal, com uma foto dele, é que acreditei".

Presidente da Funai perde o enterro

PAU BRASIL - O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, chegou à aldeia dos Pataxó hã-hã-hãe por volta das 19h. Uma hora depois de o corpo já ter sido enterrado. " Vim na tentativa de acompanhar o enterro, mas houve problemas técnicos com o voo", disse Gaiger, que chegou a Ilhéus a bordo de um bimotor da Funai. Ele afirmou que uma das formas de homenagear Galdino de Jesus Santos seria enfrentar o problema de demarcação das terras dos índios Pataxó. E adiantou que poderá começar acelerando o processo de demarcação de 788 hectares, já determinado pela Justiça desde dezembro do ano passado.

"Mas o processo não é automático, e nem há certeza de que a decisão do juiz já tenha sido publicada; só tomei ciência pelos próprios índios." Entretanto, Gaiger prometeu analisar os aspectos jurídicos.

O presidente da Funai criticou a ação na área de saúde e agricultura entre os índios, e admitiu que "é preciso rediscutir a parceria intragovernamental". Ele contou que a Fundação Nacional de Saúde furou poços na aldeia Pataxó mas não trouxe tratamento de água, que hoje é imprópria para consumo. Júlio Gaiger disse que negociará com os ministérios da Saúde e da Agricultura "para que haja participação mais intensa das outras pastas".



NAIRO MAGALHÃES não acha que agiu com heroísmo, garante que teve apenas uma reação normal

Cacique pede ajuda a Itamar

GOULART GONZAGA JR
 SUCURSAL BRASÍLIA

Aproveitando-se da presença de Itamar Franco ontem à tarde no Palácio Burity para conversar com o governador Christóvam Buarque, um grupo de caciques das nações Xavante, Bororo, Te-

rena e Munduruku pediu ao ex-presidente que entregasse ao presidente Fernando Henrique Cardoso um memorial com reclamações e exigências de suas tribos.

O ex-presidente foi surpreendido com o pedido. Manifestou solidariedade em face da agres-

são que vitimou o índio Galdino, da tribo Pataxó, em Brasília e disse que poderia encaminhar o memorial mais adiante, já que está de viagem para Washington, prevista para ontem à noite, e Fernando Henrique encontra-se no Canadá, em viagem oficial.

Humildade valoriza o gênero humano

MAURÍCIO ATHAYDE
 SUCURSAL BRASÍLIA

Nairo Euclides Santos de Magalhães, 19 anos, que na madrugada do último domingo socorreu o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em Brasília, ficou surpreso com a repercussão de seu ato, que ele não considera como heroísmo. Nairo não acha que sua atitude foi algo de extraordinário, mas uma reação normal de qualquer pessoa ao socorrer um ser humano. Ele também afirma que começa a ficar preocupado com a repentina notoriedade.

"Minha mãe ficou preocupada e disse que eu estava aparecendo demais", afirma o chaveiro que mora num pequeno apartamento na Asa Norte com mais três irmãos, além da mãe. Um deles é dono da loja onde Nairo trabalha e paga ao irmão por serviço. Nairo disse que seu salário varia de acordo com a sua produção mensal, mas revela que, em média, embolsa cerca de R\$ 800,00 por mês. O socorro prestado ao índio foi justamente após ter atendido a um cliente. "Nossa loja funciona 24 horas por dia", justificou ele.

Impunidade

Nascido em Brasília, de uma família modesta, Nairo está na mesma faixa etária dos criminosos que ele ajudou a identificar. "Quando a gente tem responsabilidade, a cabeça é outra, não dá para pensar nessas coisas", disse ele

se referindo ao crime. Trabalhando de dia e estudando à noite, Nairo não esquece quais os motivos que levam alguns jovens abatidos a cometer atrocidades como a que ele presenciou e, provavelmente, se lembrará por toda sua vida.

Sem extravagância

Estudante do segundo ano do segundo grau de uma escola pública do Distrito Federal, Nairo conta que sua vida é bastante simples, sem grandes extravagâncias. Também não tem namorada, que terminou com ele há cerca de um mês. Como o crime foi cometido no último final de semana, Nairo ainda não assistiu a nenhuma aula e não manteve contato com os colegas de turma e nem com os professores, mas disse que recebeu apoio de todos que encontrou ou conversou nesses últimos dias.

Trabalhando desde os 14 anos, Nairo ressalta que nenhuma pessoa responsável, independente da idade, tem uma atitude como a dos rapazes que atearam fogo ao índio. "Brincadeira, né. Essa é boa", afirma ele baixando a cabeça lembrando do índio enquanto ironiza a declaração dos garotos sobre o motivo que os levou a colocar fogo no Pataxó. Sem muita certeza sobre o que vai acontecer aos culpados, Nairo afirma que a punição vai depender, em parte, da imprensa que não pode deixar este crime ser esquecido.

Impunidade é regra também em BH

Em menos de um ano, oito mendigos foram assassinados e apenas um crime foi elucidado

BAPTISTA CHAGAS DE ALMEIDA

A impunidade em crimes contra moradores de rua não é exclusividade de Brasília. Acontece também em Belo Horizonte. De junho do ano passado a março deste ano, oito mendigos foram mortos na cidade. Em apenas um dos crimes há indiciados. Nos demais, nem mesmo as vítimas foram identificadas, de acordo com a Comissão Pastoral de Rua. O vereador Wagner Messias Silva (PFL), o Preto, acredita na existência de um *serial killer* que ataca os mendigos no bairro Calafate, região que concentra a maioria dos assassinatos.

Os mendigos mortos não passam de um número. Eles são os desconhecidos 210, 216, 246, 300 e 306 nos registros policiais. Há mais três mortos, cujos nomes de registros não constam de levantamentos de entidades de Direitos Humanos. A investigação dos casos está a cargo da Delegacia de Homicídios. O delegado Otto Teixeira está viajando. De acordo com o inspetor Eustáquio, só ele poderia falar sobre o caso.

Os assassinatos começaram, de acordo com os registros da Comissão Pastoral de Rua, em junho do ano passado, quando um morador de rua foi morto a facadas no bairro Cidade Jardim. Uma semana depois, outro mendigo foi morto, desta vez no Calafate e a pedradas. Em 17 de julho, outra vítima de objeto contundente, mais um foi morto, na avenida Bias Fortes com Pedro II, na região do Calafate.

A situação ficou mais grave em agosto e setembro. Quatro mendigos foram assassinados entre 6 de agosto e 2 de setembro. Aliás, foi morto um mendigo por dia, em 31 de agosto, 1.º e 2 de setembro. O assunto chamou a atenção da imprensa e, possivelmente por isso, os crimes pararam de acontecer. A impunidade não. A situação mudou em março deste ano. Mais um mendigo foi assassinado, de novo no Calafate.

As características do crime levam à suspeita de assassinatos em série. O vereador Preto lembra que os corpos aparecem sempre a cinco ou seis quarteirões de distância, no bairro Calafate e as vítimas são mortas de madrugada e têm o crânio esmagado.

Revolta

"O ESTADO DE MINAS é o único jornal que está dando atenção a este fato de gravidade indiscutível", elogia o vereador Preto, ao mesmo tempo em que cobra uma ação mais decisiva do poder público. "É o patrimônio humano que está em jogo", diz.

A coordenadora da Comissão Pastoral de Rua, Cristina Bove, destaca a revolta dos moradores de rua que se reuniram ontem na CPR. "Eles reclamam que também são seres humanos e que a realidade os faz conviver com uma estranha distorção: só porque estão nas ruas perdem o direito de viver", conta Cristina. Um outro mendigo acrescentou, segundo a coordenadora da CPR: "Agora, estão também negando ao índio o direito de viver".



O PROCURADOR de Justiça do DF, Humberto Ullhôa (e), conversa com o ministro Milton Seligman sobre o assassinato do índio Galdino

Jovens responderão na Justiça comum

BRASÍLIA - Os cinco jovens que assassinaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos devem ser julgados pela Justiça do Distrito Federal. O procurador da Justiça do DF, Humberto Adjuto Ullhôa, disse ontem que as características dos autores e da vítima fazem com que o processo seja julgado pela Justiça comum. "O índio é a vítima e os autores são pessoas comuns", disse Ullhôa, após receber em seu gabinete o ministro interino da Justiça, Milton Seligman, que foi pedir agilidade à Justiça, conforme solicitou

o presidente Fernando Henrique Cardoso, no domingo antes de embarcar para o Canadá.

Ullhôa informou que dois promotores do Ministério Público do DF estão acompanhando o andamento do inquérito policial, que deverá ser entregue à Justiça ainda esta semana. O secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, Roberto Aguiar, disse que a Polícia Civil já concluiu o inquérito, mas ainda falta o laudo cadastrado do índio Galdino Jesus dos Santos. "Acho que até amanhã podemos enviar tudo à Justiça",

disse o secretário. O procurador Humberto Adjuto Ullhôa garantiu que, se este prazo for cumprido, no início da próxima semana o Ministério Público do DF poderá oferecer a denúncia.

Tratamento

A partir daí, as testemunhas serão convocadas para esclarecer cada detalhe do crime e as perícias avaliadas. "Não é possível fixar um prazo para julgamento dos rapazes", disse Ull-

hôa. Segundo ele, não haverá um tratamento diferenciado aos rapazes Antônio Novely Cardoso Vilanova, filho de um juiz federal, e Max Rogério Alves, enteado de um ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral. "Do ponto de vista legal, o fato de ter parentes no Poder Judiciário, é totalmente irrelevante. Do ponto de vista moral é agravante. São pessoas que tem todas as condições de educação, formação e conhecimento e cometerem esse crime bárbaro", disse o ministro Milton Seligman.

Mendigos assassinados em BH

Inquérito	Desconhecido número	Data	Local	Causa da Morte
167/96	210/96	19/06/96	Cidade Jardim	Agressão a faca
172/96	216/96	27/06/96	Calafate	Pedradas
190/96	246/96	17/07/96	Bias Fortes / Pedro II	Objeto contundente
206/96	não disponível	06/08/96	Calafate	Pedradas
229/96	300/96	31/08/96	Calafate	Pedrada/obj. contundente
233/96	não disponível	01/09/96	Praça Vaz de Melo	Objeto contundente
235/96	306/96	02/09/96	Antônio Carlos / Nossa Sra. de Fátima	Objeto contundente
Não disponível	não disponível	26/03/97	Padre Matias / Campos Sales	Pedradas

Fonte: Comissão Pastoral de Rua / ESTADO DE MINAS

EDITORIA DE ARTE

FREI HILÁRIO

Mendigo é lixo da sociedade

Holandês que chegou ao Brasil em 1958, Frei Hilário educa crianças e adolescentes desde 1959. No Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, está em contato permanente com 3 mil alunos. O assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos por

cinco jovens - da mesma idade dos seus alunos -, diz ele à repórter **Andrea Fattini**, é resultado de uma conjugação de fatores como a impunidade e a própria dificuldade dos educadores de levar valores morais à juventude.

ESTADO DE MINAS - A violência que culminou na morte do índio Galdino Jesus dos Santos, em Brasília, envolvendo cinco adolescentes, pode ser explicada pela impunidade que assistimos no País, em episódios recentes como o massacre dos sem-terra de Eldorado dos Carajás e dos presos de Carandiru?

FREI HILÁRIO - Você apontou uma coisa seríssima mesmo, a impunidade. Não somente em Brasília, mas em todo lugar, acho que a impunidade é tão clara que o povo não tem medo do crime, do erro ou da coisa vergonhosa, hedionda, mas medo de ser descoberto. Se não for descoberto, então está tudo bem. E mesmo sendo descoberto, ainda tem todos os meios para fugir, pela impunidade. Se a pessoa tem relações no governo, na polícia, não acontece nada. Tudo isso, penso, estimula a violência, a falta de cidadania e de respeito pela pessoa. Mas a questão é muito complexa. É difícil julgar os pais, a educação, a mídia. A gente não deve julgar para não ser julgado. Mas, quando falamos em impunidade, estamos julgando a quem? Sei lá, ao sistema de Justiça mesmo. Acho que há um complexo de fatores que geram a violência.

EM - Justamente os filhos de classes A e B, que têm acesso maior à educação e são pessoas mais esclarecidas, começam a partir para a violência, quando poderiam buscar outro caminho. O que de-

termina isso?

FH - Não são só estes jovens que são violentos. Acho que a geração toda perdeu a noção do valor da pessoa humana: os jovens da classe alta, mas os pobres também. A maior parte dos que estão mexendo com drogas, com maconha, mora nas favelas mesmo. E a vida humana para eles também não vale

Não somente em Brasília, mas em todo lugar, acho que a impunidade é tão clara que o povo não tem medo do crime, do erro ou da coisa vergonhosa, hedionda, mas medo de ser descoberto

nada. Acho que, tanto entre os pobres quanto entre os ricos, a pessoa humana perdeu a dignidade, o valor. No caso desses meninos, concordo que eles tiveram uma boa educação e deveriam ter outros valores, querer realmente o bem da outra pessoa, e não matar, não torturar, não ser violento. Mas não posso acreditar que eles pensaram no que estavam fazendo. Não posso imaginar que eles calcularam as consequências do que fizeram. O que acontece é que eles já sabem

que existem duas sociedades: uma que tem direito e outra que não tem direito. Uma que tem privilégios e outra que não tem privilégios. Eles não pensam na vida não. Eles falam que era só um mendigo... Até se tivessem pensado que fosse um índio, nem fariam o que fizeram. Mas um mendigo é o lixo da sociedade. Já pensou? Encarar uma pessoa humana como lixo, que pode ser queimado...

EM - Diante de tanta frieza, qual é o papel do educador hoje? O que falta à educação dos jovens?

FH - É complicado, isso envolve o ambiente todo, começando na família mesmo. É uma questão de transmitir valores para esses meninos, desde o início, na casa dos pais. É importante um ambiente de amor, respeito pelo outro, solidariedade entre pai, mãe e filhos. Um ambiente sadio na família. E o mesmo ambiente no colégio ou em qualquer outro lugar. E isso está faltando. Parece que a gente não está conseguindo. Queremos ensinar matemática, química, biologia ou português e não conseguimos educar esses meninos para a humanidade, a cidadania. Tem alguma coisa errada. Todo educador tenta passar valores para eles, mas não sei se existem outras influências mais fortes. Temos que questionar de novo onde erramos. Será que nós somos omisso, a Igreja, o governo, os meios de comunicação, os filmes que passam tanta violência? O que faz a cabeça desses meninos?

Rapazes temem até tomar banho de sol

BRASÍLIA - Os quatro jovens que queimaram vivo o índio Pataxó Galdino Jesus dos Santos ainda não saíram da cela em que estão presos, desde domingo, no Núcleo de Custódia de Brasília (NCB), para o banho de sol coletivo. Ameaçados pelos próprios detentos de morte ou estupro porque são acusados de ter cometido um crime hediondo, os quatro optaram por ficar na cela e fazer lá mesmo as refeições. Dois deles, Max Rogério Alves e Antônio Novely Vilanova, receberam ontem pela manhã a visita de suas mães.

Max, Antônio Novely, Eron Chaves de Oliveira e Tomás Oliveira Almeida foram colocados na sala n.º 1 de triagem do núcleo, a que fica mais próxima do controle carcerário. "Os policiais podem ouvir

qualquer chamado", comentou Hertz. Eles não dividem a cela com nenhum outro preso, embora a capacidade seja para seis detentos. "Por conta da ameaça de morte, decidimos deixá-los sozinhos", justificou o coordenador.

O juiz federal Novely Vilanova Reis, pai de Antônio Novely, um dos cinco estudantes que queimaram vivo o índio Galdino Jesus da Silva, na madrugada de domingo, disse ontem que não vai interferir em favor do filho. "O fato de um juiz não é um atenuante, e a Justiça será feita", disse Vilanova. Abatido, o juiz nega-se a falar sobre sua vida pessoal e sobre o filho, que se encontra recolhido na Penitenciária da Papuda. "Quero que meu filho seja julgado e tenha defesa".

Índio é assassinado a golpes de facão

BELÉM - Um índio da tribo Kanela, identificado como Marcelo, de 18 anos, foi morto no último sábado, Dia do Índio, a golpes de facão, e machado por seu patrão, o fazendeiro conhecido por Mauro, que está foragido. O motivo do crime seria um suposto namoro de Marcelo com uma filha do fazendeiro, menor de 14 anos. O assassinato ocorreu no quilômetro 7 da rodovia Pará-Maranhão, no município de Capanema (170 quilômetros a leste de Belém).

Segundo informações do delegado Rubens Martins, o índio Marcelo foi acordado em sua cabana pelo patrão que, furioso, atingiu-o primeiro com um golpe de facão na nuca. Vendo Marcelo cair, Mauro cortou-lhe a orelha, os pulsos e

os dedos. "Ele foi enterrado esquarterado, de cabeça para baixo, dentro de uma cova que mais parecia um poço", contou Martins, após comandar diligência policial que exumou e removeu o cadáver do local para o Instituto de Polícia Científica de Castanhal.

Ele havia sido contratado para trabalhar nas terras de Mauro em troca de refeição diária, um salário mínimo e abrigo para dormir, na própria fazenda. O namoro com a filha do fazendeiro teria sido comunicado a Mauro por outro empregado, que não gostava do índio. Vizinhos da fazenda teriam ouvido comentários do empregado garantindo que Marcelo era índio e queria apenas estuprar a menina.

Luto marca exposição em Manaus

MANAUS - A comissão organizadora da Exposição Memória da Amazônia, que mostra o acervo etnográfico inédito do cientista Alexandre Rodrigues Ferreira, no Centro Cultural Palácio Rio Negro, em Manaus, decretou luto de três dias pela morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. Pelo menos oito etnias indígenas da Amazônia, entre elas waimiri-atroari, tuiuca, uananá, saterê maué, ticuna, participam das oficinas permanentes da exposição.

Ao tomar conhecimento da morte de Galdino, os índios ficaram desolados e passaram a usar uma tarja preta no peito. Uma faixa preta, também foi colocada ao lado do painel central do palácio. "O que ocorreu ao índio pataxó, simboliza o descalço com que os povos indígenas vêm sendo tratados", disse Francisco José dos Santos, presidente da comissão.

A Exposição Memória da Amazônia integra a programação da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimto do Brasil. Ontem, dentro dessa programação, o ministro da Cultura, Francisco Weffort, abriu, no Museu Histórico Nacional, no Rio, a exposição "Oferetama - Terra do Índio". Na mesma solenidade, foram lançados o segundo selo e a segunda moeda criados para a divulgação do V Centenário.

Promessa de Minas não saiu do papel

Comissão Estadual do Índio não funciona, acusa o Cimi

ANDRÉA FATINI

A promessa do governo estadual de dar atenção à questão indígena em Minas Gerais acabou ficando no papel, criticam os integrantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Instituída no governo Tancredo Neves e desativada desde 1983, a Comissão Estadual de Assuntos Indígenas foi reaberta há um ano, pela administração Eduardo Azeredo.

Esta comissão é integrada por seis secretarias de Estado, representantes das tribos e entidades ligadas à defesa dos índios, entre elas o próprio Cimi e o Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (Cedefs).

No entanto, funcionários da Secretaria do Trabalho - órgão executivo da Comissão Estadual de Assuntos Indígenas - não sabem informar quem seria o responsável por ela. Assessores de comunicação do Palácio da Liberdade, por sua

vez, mostram total desconhecimento sobre sua existência.

Tarde

Minas Gerais, no entanto, tem cerca de 7 mil índios. A comissão caberia, a princípio, promover uma política global e estruturada de proteção aos índios. Até hoje, contudo, as ações têm sido esparsas e pontuais, sem chegar ao âmago do problema. No fim do ano passado, R\$ 20,8 mil em incrementos agrícolas e sementes foram repassados às tribos mineiras. As sementes chegaram com tamanho atraso que sequer houve tempo para o plantio e a colheita, informa o Cimi.

A tribo maxakali do Vale do Mucuri, o governo estadual acenou com um tímido projeto de atendimento médico e odontológico, muito aquém das necessidades reais dos índios, sistematicamente deixados ao abandono nos últimos anos. "Se a Funai não cumpre seu papel, por que o Estado não capacita seus

órgãos próprios, como o Instituto Estadual de Florestas (IEF) e a Emater, para auxiliar os índios?", protesta Marilda Magalhães, do Cimi.

O assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos - lembrado ontem com missa de desagravo na Igreja de Santa Efigênia, em Belo Horizonte - é apenas a ponta do novelo que conduz ao massacre sistemático que as tribos indígenas vêm sofrendo no País. Minas Gerais não é exceção à regra dos Estados brasileiros, de deixar à deriva os índios abrigados em seu território.

Levantamento do Conselho Missionário Indigenista (Cimi) aponta que há no Estado cinco tribos - pataxó, krenak, maxakali, pankararu e xakriabá. Nelas, vivem exatos 7.108 índios, espalhados pelos Vales do Aço, Mucuri, Jequitinhonha, São Francisco e Rio Doce. Precariedade de assistência no setor de saúde, degradação ambiental, penúria e abandono são as características comuns às várias aldeias.

FHC piorou a situação

O quadro generalizado de desnutrição, que vitima sobretudo as crianças, não é suficiente para incentivar os governos estadual e federal a promover uma política estrutural em defesa da questão indígena. As aldeias mineiras permanecem isoladas e praticamente sem assistência da Funai desde o início do governo Collor, critica o Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Segundo Marilda Quintino Magalhães, membro do Cimi, a situação piorou no governo Fernando Henrique Cardoso, sobretudo após o decreto 1775/96, que modificou o procedimento demarcatório das terras indígenas.

"O decreto permitiu aos invasores reivindicar direitos quanto às terras das tribos. Isso contraria a

Constituição Federal, pois a lei determina que o direito a essas terras é imemorial, ou seja, embora elas pertençam à União, os índios têm a posse e usufruto permanentes".

Após 14 anos de luta, diz Marilda, só agora os 98 krenak do Vale do Rio Doce tiveram ganho na Justiça para reaver seu território. Por determinação da Justiça Federal, os invasores deverão ser retirados da região até o próximo dia 28. A mesma sorte, lamenta, não chegou aos 774 maxakalis do Vale do Mucuri. Apesar de suas terras terem sido demarcadas, homologadas e registradas em cartório, os maxakalis continuam sofrendo ameaças de morte por parte de fazendeiros. Não raro, essas ameaças acabam sendo cumpridas. (AF)

Arcebispo apela a pais

WILKIE RODRIGUES

O arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, dom Serafim Fernandes de Araújo, diz que a Igreja Católica está "estarcida" - como a sociedade brasileira - com o cruel assassinato do pataxó Galdino Jesus, em Brasília. "A gente nem sabe como é possível que a criatura humana chegue a um nível tal de selvageria. E não foram criminosos declarados, nem meninos de rua, contra os quais a sociedade tem tanto preconceito. Foram filhos de classe média alta", ressaltou.

Dom Serafim questiona: "Não seria seria este comportamento fruto de uma educação que está proibida de proibir, em que os pais fazem todas as vontades dos filhos? Vivem comprando os filhos com presentes e nunca co-

bram nada?" A primeira lição desta tragédia, diz ele, é que "estamos dando a educação totalmente errada nas nossas famílias, onde os valores da vida estão significando quase nada".

Em Brasília, observou ele, ocorreu um "crime contra um povo". Ele lembra que os índios brasileiros, há 500 anos, têm sido despojados de tudo que têm: cultura, terra e até mesmo a vida. "Há 500 anos, eram 5 milhões. Hoje eles são 250 mil", diz dom Serafim.

"A Igreja lamenta e pede à sociedade que não passe insensível sobre tal acontecimento. As causas que provocaram a tragédia de Brasília são alimentadas também nas nossas sociedades de Belo Horizonte e Minas Gerais", advertiu.

Indigenista aponta descaso

MARIA LÚCIA DELGADO

Homens esquecidos do arco e flecha deixam-se consumir em nome de uma civilização que consome a raiz de seu viver. Vocês são obrigados a usar calça, paletó, gravata e lenço, enquanto nós, no Leblon, nos despimos de toda convenção. E viva a natureza! A civilização que sacrifica os povos e cultura antiqüíssimos é uma farsa à moral.

O trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade, reflete, segundo a indigenista mineira Mara Vanessa Dutra, 39 anos, a forma como é tratada a questão indígena no País, que só é debatida pelo governo em momentos de pressão e crise, como agora.

"Somente quando é pressionado pela opinião pública - internacional e interna - é que o governo discute a questão indígena", lamenta. Ex-chefe de posto indígena da Funai, Mara assegura que o governo não tem vontade política para demarcar as terras indígenas por causa dos interesses de

especulação, garimpo, extração de madeira e construção de estradas.

Repercussão

A morte do pataxó repercutirá de forma muito negativa no mundo, na opinião de Mara Vanessa Dutra. "Ele era o representante de um povo e a negociação com o governo. O que esses rapazes fizeram reflete um pouco que valores existem na sociedade. Que mentalidade é essa que permite que as pessoas considerem diversão o sofrimento alheio?".

Ela afirma que o povo brasileiro não entende que seu próprio País é formado por múltiplas etnias e tem dificuldades para perceber que as culturas indígenas lidam de forma diferente com o uso da ter-



EUSTÁQUIO SOARES

MARA DIZ que governo só age pressionado

ra. "A terra, para o índio, é um território ligado à identidade. Tem funções sagradas e ideológicas". A emergência do movimento dos sem-terra no Brasil coloca a questão da distribuição da terra e da reforma agrária na ordem do dia - reflete.

Povos Indígenas de Minas Gerais

Xakriabá
População: 6.000 pessoas
Área: Xakriabá. São 24 aldeias, localizadas em São João das Missões, Vale do São Francisco.
Situação Fundiária: Área demarcada, homologada e integralmente ocupada pelo grupo: 46.414,92 hectares.

Maxakali
População: Aproximadamente 774 pessoas
Área: Aldeias - Água Boa e Pradinho, localizadas no município de Bertópolis, Vale do Mucuri.
Situação Fundiária: Demarcada, invadida. A Portaria nº 317, de agosto de 1993, do Ministério da Justiça propõe a reunificação das aldeias: Água Boa - 2.412,69 ha. Pradinho - 1.028,39 ha., área intermediária - 1.852,55 ha. Total: 4.293,63 hectares

Pankararu
População: 25 pessoas
Área: Aldeia Apukaré, localizada no município de Coronel Murta, Vale do Jequitinhonha.
Situação Fundiária: Área doada pela Diocese de Araçuaí, estando em comodato até 1998, quando será definitivamente doada ao grupo: 62 hectares

Pataxó
População: Aproximadamente 211 pessoas
Área: "Fazenda Guarany", localizada no município de Carmésia, Vale do Aço
Situação Fundiária: Regularizada, sem invasões: 3.269,71 hectares

Krenak
População: Aproximadamente 98 pessoas, sendo que alguns Krenak residem na área Pataxó, e em São Paulo, no município de Tupã.
Área: Localizada no município de Resplendor, Vale do Rio Doce.

Terras demarcadas: 4.000 hectares, sendo que destes, 3.871 estão invadidos por fazendeiros. Os índios ocupam efetivamente apenas 129 hectares.

Situação Fundiária: Demarcada e homologada. Os invasores, que são em número de 63, já receberam a notificação para a desocupação da área.

Fonte: CIMI

EDITORIA DE ARTE

Índios vão ensinar aos índios



CRISTINA HORTA/REPRODUÇÃO

AS PROFESSORAS e índias krenak ensinam aos curumins a ler e escrever sua própria língua

tória e geografia.

Desde março último, índios das comunidades maxakali, em Bertópolis, no Nordeste de Minas, e xakriabá, em São João das Missões, próximo ao município de Manga, no Noroeste do Estado, já exercem a profissão de professor, ensinando aos curumins o que aprenderam até agora. O curso está, contudo, na metade. A proposta é cada

professor indígena participe de oito seminários com 30 dias de duração cada um.

Entre os dias 28 a 30 deste mês, está programado na Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte, um seminário para avaliar o que os índios estão achando do projeto. Eles vão se manifestar sobre a escola que está sendo feita para eles, o que está certo, o que está errado,

assegura o coordenador do seminário, Cleber Gesteira Matos, que pertence ao quadro da UFMG.

"Se tentarmos fazer uma adaptação de nossa escola às aldeias, não funcionará. A escola ocidental tem o defeito do academicismo. É longe, desassociada da realidade. Os índios não separam a atividade intelectual da atividade natural", assinala o coordenador.

Assembléia prega o ensino de Direitos Humanos nas escolas

LUIZ CASTRO SILVA

A Assembléia Legislativa soma-se à indignação nacional contra o assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. O presidente Romeu Queiroz defendeu ontem, em pronunciamento expressando o pesamento da Casa, que os poderes públicos e a sociedade civil desenvolvam ações coordenadas que garantam em todo sua plenitude o exercício dos direitos humanos no País. "Algo precisa ser feito desde a base de formação da cidadania, incutindo nas novas gerações conceitos claros e profundos sobre a dignidade e o respeito que merece a vida humana", advertiu.

Queiroz ressaltou que a questão dos direitos humanos tem sido uma preocupação perma-

nente da Assembléia Legislativa de Minas, destacando os trabalhos desenvolvidos pela Comissão de Direitos Humanos e Garantias Fundamentais, segundo ele, sob a presidência lúcida e dinâmica do deputado tucano João Leite. afirmou que, inspirado nas atividades da comissão, determinou à Assessoria Técnica da Casa, em regime de urgência, a elaboração de estudos técnicos a serem submetidos ao plenário, no sentido de se incluir como disciplina curricular no ensino fundamental de Minas Gerais a cadeira de "Direitos Humanos".

Barbárie

"Nunca vi tanta pobreza, fome e abandono. Nossos índios vivem uma situação de total

abandono por parte dos governos federal e estadual", afirma a deputada Maria José Hauelsen, referindo-se aos índios maxakalis, que vivem no município de Santa Helena, no Vale do Mucuri, região de atuação política da deputada petista. Já na avaliação do deputado João Batista de Oliveira (sem partido) a "barbárie" de Brasília não pode ser interpretada apenas como uma agressão isolada a um índio.

"Brasília é o foco brasileiro do renascimento do nazismo que vem tomando corpo em diversos países da Europa. Ontem foram os skinhead de famílias privilegiadas espancando jovens de classes mais pobres, hoje queima-se mendigos e índios. O nazismo toma força também no Brasil", protesta o deputado socialista.